

Renovação

VELHAS E NOVAS ROSAS DE MAIO



Quando maio abria a sua alvorada e os primeiros raios d'um lindo sol chupavam as lágrimas das rosas, os trabalhadores enchiam do calor da esperança os seus lares e embebiavam nele as lágrimas de suas dôres.

No primeiro de maio — ha vinte anos, talvez ha menos — por toda a cidade, nos bairros operarios, se preparavam para a manifestação os obreiros que iam em cortejo, aos Prazeres, á campa de José Fontana, escutar os discursos dos seus chefes.

Então o operariado, numa infancia de socialismo ingenuo, tinha chefes. Eram os que tinham ouvido a palavra mansa, com seu ralo de pulmões desfeitos de Fontana, as apostrofes de Antero e as poesias candentes de Gomes Leal nas quais se enalteciam os pobresinhos, os famintos com um sentimento piedoso, cristão, explodindo, depois, em revoltas.

Acrescentara-se ao grupo dirigente todos os que falavam com mais eloquencia, coavam dos labios, cautelosamente as doutrinas não proclamavam rasões máximas, antes diluíam em preconceituosos dizeres suas opiniões de rebeldes. Só uma voz ousada, clamorosa, ungida de incitamentos e sagrada de misérias reboava no meio dos perfumados discursos dos socialistas serenos. Saía de uma bôca contorcida e sarcástica; vibrantemente enchia o espaço; dois braços saindo de mangas rotas se agitavam e uma cabeça calva como a dum apostolo, era a cupula que lusia ao som dessas vergastadas nos burgueses.

Quem falava assim era um sapateiro, palido, de olhos doentes; chamava-se Bartolomeu Constantino. Era anarquista.

Surpreendia pela acção: admirava pela fluencia. Os grupos passavam formando longos cortejos com suas bandeiras altas, levando seus carros de officios e artes, enfeitados, emblematicos, entre palmas verdes, refletindo a luz do sol esplendoroso; á frente de cada agremiação, iam os dirigentes, com suas bandas vermelhas de letras gravadas a ouro; para cada nucleo havia uma flarmonica e

es calças brancas dos musicos, os metais rebrilhantes, os bonets agaloados, nos lencinhos os pescoços suados davam a essa passagem dos revoltados um ar ingenuo, procissocional, como de um cirio que enternecia pelo numero, pela compostura, pela esperança de aqueles olhares.

Era o primeiro de maio. Nesse dia paravam os transportes mas as ruas enchiam-se de povoleu que ia ver passar o cortejo simplista, quasi official, com seus carros eguaes a andôres, suas fachas, lembrando signas de outras idades, suas bandeiras como pendões religiosos.

Milhares de homens atravessavam a cidade; erguiam as cabeças, quasi todos floriavam as lapelas e sentia-se terem-se arranjado, barbeado, escarolado a capricho para a pompa do seu dia feliz.

Pedreiros, carpinteiros, metalurgicos, graficos, de bela compostura de arte nobre, pintôres, artifices de todas as especies, caieiros e padeiros, os carroceiros agremiados, estucadores e cabouqueiros, a gente dos fornos da cal, que se conhecia pelo devastamento dos cabelos e pestanas, lá iam ao som plangente do seu hino do Trabalho em que havia doçuras de preces, embalos de tristezas sem uma nota mais alta que fosse um berro contra as desditas. O hino do Primeiro de Maio era uma oração; o da Internacional é uma ameaça. Um supplica, o outro exige, aquele indica, este impõe, o primeiro murmura, o segundo grita; o dos socialistas de hontem é a fatalidade resignada, o dos trabalhistas de hoje é o do mau fado que se repele, se detesta, se esmaga.

Pois era na soada terna de aquella musica sagrada mas calma que os trabalhadores desfiliavam no dia dedicado á rebelião. Os burgueses sorriam; viam-nos como a um cirio popular e laico que era enternecedor assim em sua união mas que, amanhã desfeita, continuava a não representar mais do que uma aspiração embalada nos compassos de uma marcha poetica, romantica, sem finalidades.

Era, todavia, formoso de intenção esse primeiro de maio inicial de ha quinze ou vinte anos, no seu ingenuo desfile de proletarios nas horas em que o sol alastrava seus esplendores e as rosas se debruçavam dos muros para os vêr passar sangrando em seu vermelho ou desmaíndo em suas brancuras como simbolos dos que se exauriam e feneciam na luta, querendo reagir, mas caminhando na vida confo no seu cortejo no passo lento, demorado, no compasso do seu fado triste.

Foi assim o inicio. A rebeldia era então um murmuro, uma magua, uma queixasinha infantil, vaga, desolada...

Decorreram os anos; modificaram-se os processos. Dos simplismos do cooperativismo falhado passou-se para a organização sindical. Começou-se por querer dar uma mentalidade ao trabalhador, desligá-lo das chefias absolutas, fase-lo compreender as doutrinas.

O Primeiro de Maio passou a ser um dia melhor consagrado a essa ideia das reivindicações

mas apresentado já como uma conquista. Vencera-se os três oitos que os socialistas na incipiência do movimento proletário entreviam com carretas, tornaram-se em positivas regalias que apenas não foram aplicadas ainda na sua pura essência.

Oito horas de trabalho, oito de estudo, oito de descanso. Sómente não se estuda; o resto conquistaram-no os filhos de aqueles trabalhadores que iam no seu cortejo na sombra das bandeiras pacíficas.

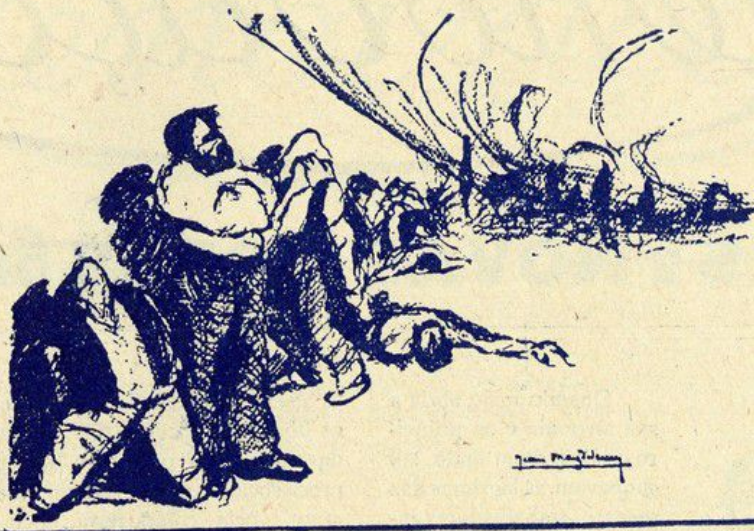
Levou tempo mas venceram e, todavia, as luctas não pararam. Os cortejos sumiram-se mas o trabalho paralisou-se no dia festivo.

Por toda a terra culta se fazem manifestações; tem Portugal realizam-se sessões solenes, não se desce á rua como em Paris a ir celebrar os mortos. No muro de Pére Lachaise, contra o qual foram fusilados os comunistas, vão depor-se corôas de perpetuas vermelhas. Em Londres desfilam milhares de trabalhistas diante dos Bancos fechados como fortalezas receosas; em Berlim canta-se religiosamente a *Internacional* e na Russia é já uma cerimonia o ficial que se celebra com as tropas nas ruas e os canhões troando.

Entre nós aboliram-se os cortejos num desdem pelas antigas procissões dos socialistas domadas a uma disciplinadora formula. Porem, de quando em quando, mesmo longe do maio das reivindicações, o proletariado ainda se junta para a colectiva passagem nas ruas. Já não leva bandas de musica nem alteia pendões cobertos de flores, não enfeita as lapelas nem os carros entestam os cortejos, e, todavia, as suas marchas fazem reflectir mais do que os antigos desfiles organizados, regrados como em exercicios.

Ha anos, ainda, quando foram conduzidos ao Limoeiro alguns dos operarios acusados de agitadores pelos governos da republica, fez-se uma manifestação singular que jãmais pode ser olvidada e que se diferenciou muito dos antigos passos dos proletarios no seu dia solene.

Milhares de homens, em seus trajos de trabalho, sem insignias, sem bandeiras, sem musicas, sem mesmo entoarem o cantico da revolta traduzido em todas as linguas, passaram diante da prisão onde jaziam os seus companheiros.



Estes estavam encarcerados no grupo B. cujas grades deitam para a rua, e diante do edificio, serenamente, gravemente, numa marcha cadenciada mas sem alarde de atitudes, conscientes e severos, os agremiados desfilarão.

Pedreiros, carpinteiros, metalurgicos, padeiros, tipografos, carroceiros, caieiros, cavadores — e eram enternecedores os

rurais com seus trajos aldeãos — hirtos, firmes, de cabeças altas, os olhos voltados para os gradões, passaram numa continencia de solidariedade em frente da cadeia

Aquilo queria dizer: Não estais sós; tendes as vossas consciencias mas tendes também convosco os vossos camaradas. Sofreis! Convosco estamos! Viemos das oficinas, das minas, dos campos, dos labores, saímos de baixo da terra e abandonámos o mar, descemos dos corucheos das torres e largamos os nossos carros para vos dizer que a vosso lado estamos como camaradas e como sacrificados!

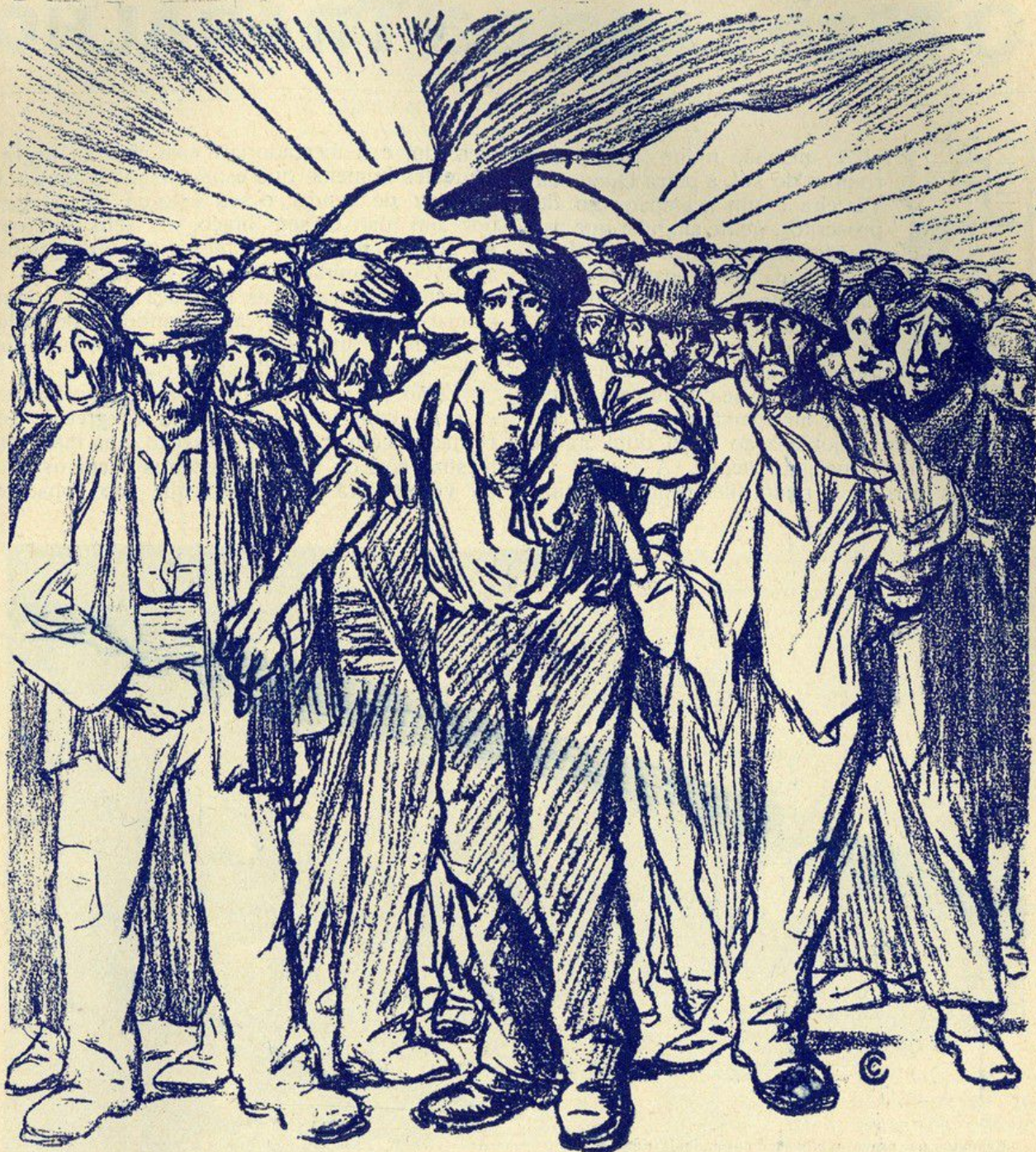
E estas palavras, que vibravam em todos os espiritos, nos dos presos e nos dos companheiros que os saudavam, não eram pronunciadas, passavam telepaticamente nos ares e iam dos corações duns meter-se, aninhar-se transfundir-se nos corações dos outros.

Ha quinze ou vinte anos recordavam-se os mortos com lúinos e discursos, levavam-se os carros enfeitados e bandeiras hasteadas até ás campas; agora, transposta a distancia, ganhas as primeiras batalhas, passa-se em silencio diante dos vivos enclausurados.

Sómente, num momento, num espontaneo gesto colectivo, epidemico, porem consciente, de todos os bolsos saíram lenços que acenaram para as grades. Era como uma nevoada de milhares de muitos milhares de pombas ruflando as asas sem ruido. Parara-se uns instantes; lá de cima, por entre os ferros, acenava-se também e nem um grito, nem um brado, nem um cantico. Depois, recommçou-se a marcha.

Sómente nas pedras do caminho ressoam os passos de aqueles milhares de homens de trabalho, cavos, profundos, como os dum exercito, sabedor de seu destino, crente nas suas fileiras, olhando um carcere lobrego e visionando uma aurora.

Nos primeiros de maio antigos ensaiava-se o protesto sorrindo, titubeando, infantilmente. A maioridade dos trabalhadores chegou. Os seus Primeiros de Maio já não carecem de signos. As rosas que sangram em sua vermelhidão, ou que esmorecem em suas tonalidades doces, são como recordações do sangue e dos tormentos que se procuram apagar ao depô-las no altar do Trabalho, neste mês das flôres formosas, de Maria, sofredora por seu Filho sacrificado ao bem dos humildes, e das reivindicações



(Desenho de Cristiano de Carvalho)

dos proletários, dos descendentes daqueles que, suplices e mansos, entoavam o seu hino como preces.

E' bem mais forte o silencio de hoje. Silencio soleno como a imensidade, silencio de fortes aguardando a hora da derrocada que o quebre, o dissolva, o perturbe, o transforme na Aleluia que se segue sempre às quadras tormentosas dos sofrimentos.

Entre as musicas de hontem e a calada de hoje, ha um orbe, um mundo novo no qual se espera e se confia que todos possam colher rosas e comer pão sem o ensanguentarem com as picadas dos espinhos e sem as colherem para as vender aos felizes, levando-lhas a troco dumas codeas.

Ha um mundo novo, é certo. Só não o veem os que riem; melhor o divizam, através das suas lagrimas, os que choram.

Rochu Martins